

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

crisiSolvers

Escola Secundária Henrique Medina

João Henriques

Nicole Martins

Luís Cepa

Marta Miranda

Dezembro de 2011

1 País em crise ou crise do país?



Origem da crise

Hoje em dia, a conversa de todos os Portugueses vai de encontro a um só tema: dívidas. Associados a estas surgem os créditos, os juros, as taxas, os empréstimos, o desemprego, o IVA. O problema resume-se apenas numa palavra: crise.

A Europa atual, aquela que alguns apelidam de desenvolvida e outros de decadente, apesar de nós não percebermos muito bem porquê, está a vivenciar uma das piores crises económicas da sua história. Quer a nível público, quer privado, verifica-se algum desespero: dívidas, dívidas soberanas!

A crise financeira deu os primeiros sinais nos EUA quando alguns bancos criaram produtos financeiros ligados ao crédito hipotecário, que se tornaram especulativos, baseados num aumento do preço das casas. Entretanto surgiu a crise do crédito hipotecário com os preços das casas a descerem. A primeira consequência foi a falência de bancos, nos EUA e na Europa, e a escassez de dinheiro.

Estará a crise do crédito hipotecário relacionada com o preço do petróleo?

Ao longo dos anos de 2007 e 2008 verificou-se uma acentuada subida do preço do barril de petróleo. Esta leva, regra geral, a uma subida de preços de quase todos os produtos, provocada pelo aumento dos custos na produção e na distribuição. O aumento dos produtos leva a um aumento de inflação. Quais as reações dos Bancos Centrais? Sobem as taxas de referência, provocando um aumento nas taxas dos empréstimos levando famílias e pessoas, que não tinham mais margem de endividamento, ao incumprimento das respetivas prestações.

Seria a crise em Portugal previsível? Mesmo que não tivesse acontecido no resto da Europa?

Nas décadas de 1960 e 1970, sendo um país com dificuldades, assistiu-se a um surto de emigração. Nestas duas décadas, e na seguinte, as remessas dos emigrantes representaram a principal entrada de divisas no país. No entanto a grande maioria foi ficando e levaram a família. Surgiu uma segunda geração já nascida nos países de acolhimento. Os juros baixaram. Foram motivos para que estas receitas fossem diminuindo a partir do final da década de 80.

Nas décadas de 1980 e 1990 chegam os fundos estruturais da então CEE. Mais uma grande entrada de divisas no país. Dá-se um grande desenvolvimento. Obras públicas (estradas, pontes, saneamento, etc.), culminando com a EXPO98. Com a baixa das taxas de juro desde o início dos anos 90 e a massificação da concessão de crédito, prolifera a construção civil e o consumo, sendo um exemplo a renovação do parque automóvel, a esgotar o sistema de matrículas em 12/13 anos.

A publicidade a produtos e serviços, a ofertas de crédito, que parecia ilimitado, por parte dos bancos, as atitudes consumistas e procura de lucro fácil dos cidadãos, levaram a um sobreendividamento tanto a nível particular como coletivo que, juntamente com a má gestão e com atos de corrupção em alguns setores, contribuíram para esta situação económica.

Em Portugal, a dívida externa tem vindo a aumentar desde 1996, passando de 7% do PIB para mais de 100% em fim de 2010. Andamos sempre a gastar mais do que deveríamos. Já em 2002 o governo de Durão Barroso, atual presidente da União Europeia, popularizou a expressão: **“O país está de tanga”**

Consequências da crise

Inúmeras empresas faliram. Aumentou o desemprego e diminuiu o poder de compra dos cidadãos, provocando alterações diretas na dinâmica das famílias, com consequências extremamente fortes não só ao nível da estabilidade financeira, mas refletindo-se também na educação e mesmo nos hábitos alimentares das novas gerações.

Os jovens perdem as perspetivas de ingresso no mercado de trabalho, bem como os trabalhadores com um emprego estável que acabam por perder a esperança de evoluir nas suas carreiras, levando à procura de novos horizontes fora do país. Numa sociedade mergulhada no negativismo, a instabilidade domina, havendo mais manifestações, revolta social e mesmo um aumento da criminalidade.

Os planos de Austeridade, palavra que não fazia parte do vocabulário de muitos cidadãos, levados a cabo com o objetivo de tentar ultrapassar toda esta situação, são também um foco de alarme, pois a maioria das pessoas nunca atravessou momentos tão críticos nas suas vidas e a contenção de despesas, os cortes nos salários, o congelamento dos subsídios, o aumento das taxas de

impostos, entre outros, pode-se tornar penoso, levando à aniquilação do poder de compra e aos problemas sociais anteriormente referidos.

Mas apesar de todo este cenário trágico, temos que salientar alguns efeitos positivos. Vemos cada vez mais pessoas a utilizar os transportes públicos, a partilhar automóveis e a utilizar meios de transporte alternativos, como a bicicleta. A população está mais atenta ao consumismo e mais preocupada com a poupança, valorizando o trabalho e o dinheiro. Voltou-se a cultivar a terra para obter alimentos para consumo próprio. O recurso ao crédito tem diminuído, devido não só à exigência das instituições bancárias, mas também à própria consciência dos cidadãos. Poupar tornou-se a palavra de ordem.

A nossa região

Na nossa região, concelho de Esposende, na foz do rio Cávado, distrito de Braga, o cenário não é muito diferente. Numa zona onde a indústria têxtil, pesca, agricultura, construção civil e algum turismo de zona balnear, eram as principais fontes de riqueza, vemos um aumento de pessoas no desemprego.

Desde a década de 1960 começou a aumentar a indústria têxtil tendo atingido o seu auge no final dos anos 80 e 90, fruto também da receção de fundos estruturais. Nesta fase este setor representava, a nível nacional, a maior percentagem das exportações. Em contrapartida assistiu-se a um abandono progressivo da agricultura e das pescas, tendo-se desenvolvido o sector terciário. Além disso, proliferaram também pequenas empresas ligadas à construção. Com a liberalização do têxtil, através da abertura da União Europeia à Ásia, começa o descalabro deste setor. No entanto há um ótimo exemplo de sucesso no concelho. Estará a diferença na rentabilização e investimento os fundos estruturais?

A construção civil está praticamente parada, faltando investimento em novos materiais e/ou construções. Verifica-se apenas alguma recuperação de habitações por parte dos particulares. O regresso às pescas é pouco significativo e os que o fazem dizem que é pouco rentável. O setor agrícola, por sua vez, é afetado por uma falta de inovação e investimento, não se tirando proveito máximo das terras, existindo grandes extensões de terreno abandonadas. O comércio local acaba também por sofrer.

Conclusão

Colocam-se as questões:

No contexto atual, será que não é necessário estimular o consumo?

Devemos simplesmente centrar-nos na poupança tentando amealhar algum dinheiro ao fim do mês?

Recusam-se propostas de negócios?

A falência de empresas atira com as pessoas para o desemprego. No desemprego, as pessoas reduzem o consumo dos produtos. Se os produtos não são vendidos, as produções param, levando à falência de mais empresas e gerando mais desemprego.

Será que entramos num ciclo vicioso que parece não ter fim?

Verifique as nossas propostas nas próximas provas.

2 Referências

- Apoio à Prova de Texto da UA.
- Apoio em dados fornecidos, oralmente, por Industrial Têxtil.
- Eurostat

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa crisiSolvers declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.